



A cidade em tempos de pandemia: o que pensam e sentem as crianças?

Cláudia Eliane Ilgenfritz Toso

Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Jandha Telles Reis Vieira Muller

Gabriel da Silva Wildner

Helena Copetti Callai

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - Unijuí

Resumo

O momento atual, no qual enfrentamos a pandemia da COVID-19, traz diversos questionamentos e incertezas. Com o objetivo de refletir sobre o que as crianças pensam e sentem em um período em que o isolamento tem sido postura necessária a ser adotada para evitar o contágio da doença é que esta pesquisa foi realizada. O percurso metodológico orienta-se pela perspectiva crítica-hermenêutica utilizando-se, tanto de análise documental e bibliográfica, quanto do planejamento e desenvolvimento de uma Ficha didática, explorada e preenchida por crianças do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de Santo Ângelo-RS/Brasil. Foi possível perceber que a maioria das crianças tem um vínculo com lugares nos quais os amigos e os familiares vivem e que ao tentar compreender como as crianças se sentem podemos buscar formas para contribuir com os desafios que teremos que enfrentar no mundo pós-pandemia, tanto como profissionais da educação, como enquanto sociedade.

Palavras chave: Pandemia; Criança; Cidade; Escola; Anos Iniciais

Abstract

The current times of coping with COVID-19 pandemic raises different questions and doubts. In order to reflect about what children think and feel since social isolation became necessary to prevent infection is that this research was performed. The methodology is guided by the critical-hermeneutic perspective in both documentary and bibliographic analysis as well as in the planning and development of a didactic questionnaire responded by students in the fifth grade of a public elementary school in Santo Angelo, Brazil. It was perceived that most children have ties with the places where their friends and relatives live and that trying to comprehend how they feel can reveal what is to be done to face the challenges of the post-pandemic world, as education professionals as well as society.

Keywords: Pandemic; Children; City; School; Early Years

ISSN 2704-8217

doi: <https://doi.org/10.6092/issn.2704-8217/11919>

Copyright © 2020 the authors

This work is licensed under the Creative Commons BY License

<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

A BONITEZA DA VIDA
A boniteza da vida
Tem cor de sol, é amarela
Resplandece o semblante da gente
Transforma, compõe aquarela
A boniteza da vida
Tem gosto de comida caseira
Energia de casa cheia de riso
Lembra chuva, calma e goteira
A boniteza da vida
Tem cheiro de café e de flor
Traz as memórias do passado
E a esperança do que ainda não chegou
A boniteza da vida
Vem da leveza das relações
De olhar a si e ao mundo
E reconhecer no outro a liberdade das expressões
A boniteza da vida
Se faz ao cuidar do outro e de gostar de si
Se constrói pensando na humanidade
Se preserva pela finitude e o porvir
A boniteza da vida
Se alcança pela paz da mente
E a sabedoria de ver que a dor do outro
Também é a dor que dói na gente
A boniteza da vida
Está no sonho e na vontade de ser mais
De olhar o futuro dos que amamos
E o passado dos nossos pais
A boniteza de que falo
Está nisso tudo e em tanto ainda
Está nas possibilidades humanas
De cuidar do mundo e de preservar a vida.
(Carina Copatti, 2020).

INTRODUÇÃO

Buscar a boniteza da vida é uma das apostas que podemos fazer nesse contexto que estamos vivendo, pois esta é uma realidade que até então somente conhecíamos através de filmes ou mesmo dos livros de história. É um momento de muitos questionamentos tanto para pais quanto para professores. As crianças são provocadas a pensar o mundo e o que estamos vivenciando, mas nem sempre conseguem entender o que está acontecendo, pois possuem menos tempo de vida e experiências. Nesse sentido, é fundamental que compreendamos que uma epidemia diz respeito a surtos de uma doença em várias regiões, mas o que vivemos em 2020 é uma pandemia, pois a

COVID-19, doença causada pelo coronavírus, atinge a maior parte dos países do planeta.

É neste contexto que estamos vivendo e é nele que as crianças estão aprendendo novas formas de viver e se relacionar com o outro. A cidade pode ser compreendida como o lugar mais próximo em que as crianças poderiam desenvolver sentimentos de pertencimento e mesmo afetos, pois é nela que vivenciam e constroem relações com outros sujeitos. A questão aqui é pensar sobre como elas se sentem e principalmente do que sentem falta, em um período em que o isolamento ou distanciamento social tem sido postura necessária a ser adotada para evitar o contágio da doença.

O que podemos aprender com este novo momento histórico? O que as crianças têm a nos dizer e ensinar? E, como nós adultos podemos aprender e ensinar sobre a possibilidade de nos reinventarmos ou mesmo sobrevivermos mantendo a sanidade mental em tempos de pandemia? Este é um dos desafios que nos propomos como pesquisadores, mas também como sujeitos que vivem no mundo e que se preocupam com a formação cidadã. Nos valemos de autores e pesquisadores sobre as temáticas cidade, criança e pandemia para sustentar nossas reflexões. Além disso, elaboramos um trabalho que foi realizado com crianças do 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública estadual em Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul/Brasil e apresentamos aqui alguns elementos desta pesquisa.

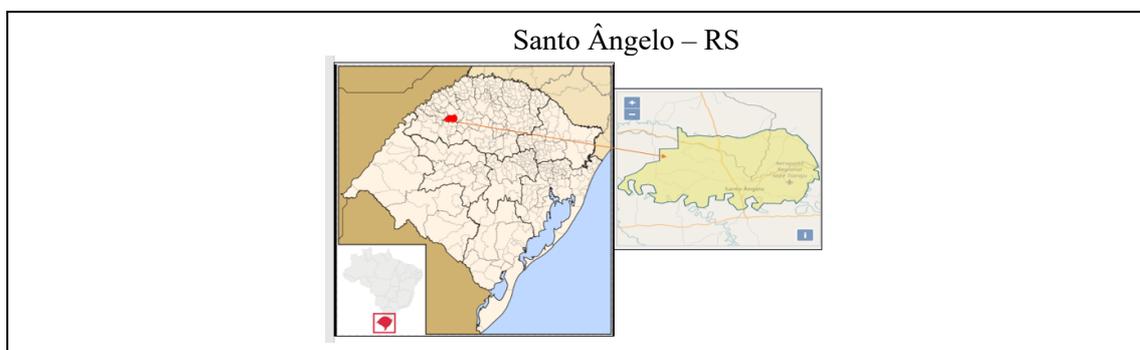


Figura 1 - Localização do município de Santo Ângelo no Estado do Rio Grande do Sul

Fonte: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=431750&search=rio-grande-do-sul|santo-%C3%82ngelo>>.

A metodologia para o desenvolvimento desta investigação, orienta-se pela perspectiva crítica-hermenêutica, especialmente a partir de Stein (1996) e Hermann (2002). É um trabalho que propõe tanto análise documental e bibliográfica quanto planejamento e desenvolvimento de uma Ficha didática que foi elaborada pelos pesquisadores, discutida com a professora e posteriormente explorada e preenchida

com crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, que se encontram realizando aulas remotas em função da pandemia da COVID-19. A parceria para realização desta pesquisa parte do projeto de pesquisa já em andamento intitulado: *A criança e a cidade: conhecendo, interpretando e preservando o patrimônio arquitetônico*, coordenado pela Professora Dra. Helena Copetti Callai.

Neste estudo, então, participaram dois alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo da Unijuí, uma pesquisadora e professora substituta da UFFS - Campus Cerro Largo e uma professora dos anos iniciais do Ensino fundamental de Santo Ângelo - RS que se dispôs a realizar o estudo com sua turma de 5º ano, além dos dezenove alunos que realizaram a atividade proposta, identificados pela letra "A", de aluno, adicionado do número correspondente a fim de não identificarmos os sujeitos, embora tenhamos autorização prévia dos pais e da escola para realização do trabalho. A trajetória da investigação exige do pesquisador um posicionamento teórico e, nesta pesquisa, o objetivo se deu na construção de um caminho crítico interpretativo, considerando especialmente a produção das crianças sobre o que elas mais sentem falta em um período em que o isolamento ou distanciamento social é necessário.

Colégio Estadual Pedro II

Nome: _____ Turma: _____

Data: _____ Idade: _____

Professora Tatiane Alves

A Cidade em tempos de pandemia

Você já pensou que está vivendo um acontecimento histórico, que somente estudávamos nos livros? Precisaremos encontrar novas formas de viver e por isso gostaríamos de saber como você está se sentindo durante este período.

Leia parte do que escreveu Fernando Tavares Sabino, no livro O Encontro marcado e preencha a Ficha Didática.

De tudo, ficaram três coisas:

a certeza de que ele estava sempre começando,

a certeza de que era preciso continuar e

a certeza de que seria interrompido antes de terminar.

Fazer da interrupção um caminho novo.

Fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada,

do sono uma ponte, da procura um encontro.

Figura 2 – Ficha Didática – A cidade em tempos de pandemia

FICHA DIDÁTICA	
1) Você diria que este poema foi escrito durante a pandemia? Por que você acredita nisso?	<hr/>
2) Como você está vivendo este período? () Em isolamento total () Em isolamento parcial () Não estou em isolamento	
3) Tem encontrado com quais pessoas (pode marcar mais de uma opção)? () Somente a família com quem mora () Poucos amigos e colegas () Outros familiares () Tem encontrado com as mesmas pessoas que encontrava antes da pandemia	
4) Que lugares você tem frequentado durante a pandemia? () Tenho ficado somente em casa Quais são os ambientes de sua casa que você mais permanece? <hr/>	
Você sente falta de algum ambiente em específico que poderia haver em sua casa (quintal, escritório, quarto individual...)? Por quê? <hr/>	
() Diminui as saídas de casa – Onde tem ido? <hr/>	
() Tenho frequentado os mesmos lugares que antes da pandemia, menos a escola –	

Quais lugares?

5) Como você está se sentindo durante o período de pandemia?

- () Muito bem () Bem () Entediado () Ansioso () Muito mal
() De outra forma - Qual?
-

Explique por que se sente desta forma (referente a opção escolhida):

6) De quais lugares você mais sente falta de ir?

- () De ir à escola
() De ir à igreja
() De ir a festas
() De ir a casa dos amigos
() De ir à restaurantes/lancherias
() De ir a clubes
() De ir a lugares públicos da cidade (praças, parques, pistas de caminhadas e etc)
() Outros lugares - Quais?
-

7) Você costumava andar pela cidade ou frequentar lugares específicos dela antes da pandemia? () Sim () Não

Por quais lugares?

E agora, em tempos de pandemia, você continua passando ou frequentando os mesmos lugares?

- () Sim () Não

Se sim, por onde você tem andado?

Se não, está sentindo falta de passar ou frequentar estes lugares? Quais mais especificamente?

8) Segundo o poema de Fernando Sabino podemos:

Fazer da interrupção um caminho novo.

Fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada,

do sono uma ponte, da procura um encontro.

Desenhe abaixo (ou em uma folha) algo que represente o que diz esta parte do

poema, principalmente sobre que mundo teremos quando tudo isso passar.

Elaborado por Ilgenfritz Toso, Muller e Wildner em diálogo com a Professora Tatiane Freitas Alves Valença, 2020.

Neste artigo abordamos questões relativas às crianças e à cidade em tempos de pandemia e apresentamos o que foi realizado no estudo, e os dados que foram produzidos a partir do que as crianças registraram nas Fichas Didáticas, incluindo alguns desenhos realizados por elas.

AS CRIANÇAS E A CIDADE EM TEMPOS DE PANDEMIA

Encontramo-nos em um momento histórico ímpar, num contexto confuso e de muito temor: a pandemia da COVID-19. Conhecemos e estudamos sobre pandemias nas mais diversas áreas do conhecimento, mas vivenciar de perto um acontecimento histórico traz muitos questionamentos e incertezas. A ciência posta em xeque é a única via para a superação dos problemas que advém de algo tão grandioso quanto esta doença. Quando as primeiras notícias surgiram no final de 2019 e faziam referência ao contágio na China, muitos ignoraram e buscavam relativizar a situação. Não se tinha noção sobre a gravidade e mesmo um olhar para o coletivo, pois a preocupação normalmente se restringe a questões de ordem local, desconsiderando os efeitos do que ocorre no mundo.

Conforme Harari (2020), muitos culpam a globalização como responsável pela epidemia do coronavírus, mas o autor e tantos outros historiadores escrevem sobre diferentes momentos históricos e as epidemias. Segundo o autor, a epidemia de varíola, que atingiu o México em 1520, por exemplo, teve seu início com um único hospedeiro e chegou a matar quase um terço da população, num contexto diverso da globalização. Para Harari o segredo não está na segregação, mas na cooperação na informação. Esta seria a oportunidade do mundo mostrar-se mais humano e solidário, mas o que ocorre é exatamente o inverso. A troca de informações científicas entre os países e a solidariedade global poderia auxiliar nesse processo. A ajuda mútua entre as nações é o caminho mais seguro no enfrentamento dessas situações graves e complexas que envolvem a vida da população do planeta.

Em um resgate histórico percebemos que a peste negra foi outro momento difícil, responsável pela morte de 1/3 da população europeia no século XIV, enquanto a

gripe de 1918, também conhecida como gripe espanhola – do vírus influenza talvez tenha matado em torno de 100 mil pessoas. E, neste momento (final de junho de 2020), com a COVID-19, temos mais de 11 milhões de casos confirmados e mais de 500 mil mortos, sem considerarmos os casos subnotificados. No Brasil, temos mais de 5,5 milhão de casos confirmados e mais de 160 mil mortosⁱ. É neste contexto alarmante que a população se encontra em isolamento social e professores e alunos estão afastados dos espaços escolares e na maioria realizam suas atividades em casa.

No Rio Grande do Sulⁱⁱ o sistema público de ensino inicialmente realizou encaminhamentos de atividades para que fossem feitas em casa. Na sequência houve suspensão das aulas e desde junho iniciaram os trabalhos remotos, com capacitação de professores para que ministrem as aulas a partir das suas casas. E é nesse contexto que as crianças e professores se encontram, isolados ou em distanciamento, necessitando se adaptarem à outra sistemática de construção de conhecimentos. Os desafios são muitos e, não é possível apontar quais consequências teremos ao final do ano letivo ou mesmo ao final da pandemia com relação tanto às aprendizagens quanto ao convívio social do qual as crianças estão sendo privadas.

Com o objetivo de refletir sobre essas questões é que propusemos que crianças dos anos iniciais relatassem sobre como se sentem em tempos de pandemia e isolamento social e do que sentem falta. Para tanto elaboramos uma ficha didática para registrar o que as crianças têm para nos contar. Como escreve Tonucci (2005) as crianças têm ideias e formas de compreender o mundo em que vivem e podemos aprender muito com elas.

Considerando que a cidade normalmente é o lugar mais próximo em que os sujeitos podem desenvolver sentimentos de pertencimento e afetos é que provocamos as crianças a pensar e relatar sobre os lugares que mais sentem falta em tempos de pandemia, principalmente se levamos em conta que é a cidade um *locus* importante de interação entre seus habitantes e é nela que podemos buscar soluções para melhorar a vida em sociedade. Para Nunes e Müller (2014, p. 13), “na história humana a cidade sempre foi objeto de intervenções que buscaram adequá-la às expectativas sociais. Trata-se de um espaço coletivo onde transitam grupos e indivíduos com dinâmicas próprias, que influenciam o seu desenho físico e dele sofrem influências”.

E o estudo da cidade normalmente ocorre de forma sistemática nos anos iniciais do ensino fundamental, mais especificamente nas disciplinas de história e geografia, mas não se restringe a elas. O estudo dela, segundo Castellar (2009, p. 50) “contribui na formação dos conceitos de identidade e de lugar, expressos de diferentes formas: na

consciência de que somos sujeitos da história; nas relações com lugares vividos (...). É na cidade que as crianças se encontram com outras crianças e com outros sujeitos, é nela que se pode criar vínculos e compreender-se como pertencente ou não a um lugar.

Mas o que podemos aprender com este novo momento histórico e o que as crianças têm a nos dizer e ensinar? Este questionamento ganha força quando se pensa no contexto atual, em que o isolamento social não permite que os sujeitos circulem pelos espaços da cidade, nem se relacionem presencialmente com os outros. Para tanto consideramos importante refletir sobre a criança e sua relação com a cidade, pois as crianças são capazes de enxergar coisas que não vemos, têm novas perspectivas, reinventam e dão novas soluções a desafios.

A primeira questão sobre a qual consideramos necessário refletir está na afirmação de que “a criança é um ser que dá sentido ao mundo em que vive fazendo diferentes leituras das tramas sociais” (Müller & Redin, 2007, p. 17). É fundamental que pensemos na criança como um sujeito que participa da construção do processo histórico, da história da sua vida e da vida da sua comunidade. Para Cohn (2005, p. 8) “precisamos nos fazer capazes de entender a criança e seu mundo a partir do seu próprio ponto de vista”. É importante que consideremos que as crianças não sabem mais ou menos, mas sabem outras coisas e considerá-las sujeitos que possuem conhecimentos e podem ser agentes tanto de transformação quanto de manutenção da realidade em que vivem. Cabe a escola então dar voz às crianças e isso “pressupõem escutá-las realmente. Isso significa para além de deixar falar, é compreendê-las como sujeitos capazes de participar, de opinar, de transformar” (Toso, 2018, p. 64).

Tonucci (2014, p. 7) nos alerta que “a cidade deve assumir a responsabilidade de acolher as crianças em seus espaços públicos”, sugerindo ainda que as crianças participem da vida pública e que os prefeitos criem mecanismos, como conselho das crianças, para que elas sejam ouvidas e, mais do que isso, que suas ideias e posicionamentos sejam considerados. As crianças têm condições e interesse de interagir com espaços para além dos pensados exclusivamente para elas, podendo aprender ao agir sobre os que historicamente são pensados e destinados aos adultos. Os espaços urbanos devem ser parte do currículo escolar e considerado no planejamento do professor, para que possa contribuir com a formação humana e cidadã dos sujeitos.

Segundo Harvey (2014, p. 134), “a cidade é o lugar onde as pessoas de todos os tipos e classes se misturam, ainda que relutante e conflituosamente, para produzir uma vida em comum, embora perpetuamente mutável e transitória”. É na diversidade que vamos aprendendo a ser mais tolerantes e temos a possibilidade de aprendermos a

respeitar e conviver com o outro. A criança, ao se relacionar com outras de grupos sociais, culturais e econômicos diversos, tem a oportunidade de construir entendimentos sobre a realidade em que vive. Assim, a cidade pode ser compreendida como uma cidade educadora cuja é “aquela que, para além de suas funções tradicionais, reconhece, promove e exerce um papel educador na vida dos sujeitos, assumindo como desafio permanente a formação integral de seus habitantes” (Cidade Educadora, 2017).

Os espaços da cidade podem ser pensados como sendo pedagógicos e auxiliar no desenvolvimento integral dos sujeitos. Wajskop em *Uma cidade das crianças* (2014, p. 28) relata o exemplo da cidade de Toronto no Canadá, considerada como cidade educadora. Nela, “as ruas e os parques são um exemplo de como os espaços urbanos podem transformar a vida dos bebês e das crianças, incluindo-os, desde cedo, na cultura do mundo adulto por meio da convivência na diversidade com respeito e curiosidade”. E por acreditarmos no quanto a cidade é importante na construção de identidade, é que planejamos a ficha didática para ser encaminhada às crianças do 5º ano a fim de registrar como se sentem em tempos de isolamento ou distanciamento social. Também desenvolvemos juntamente com a professora a proposta de registrar sobre os lugares que as crianças mais sentem falta, tanto de forma escrita como com desenhos. As crianças foram provocadas a refletir sobre o que querem fazer quando puderem frequentar os espaços da cidade novamente.

O QUE PENSAM E SENTEM AS CRIANÇAS EM PLENA PANDEMIA?

Iniciamos o trabalho intitulado *A Cidade em tempos de pandemia* provocando as crianças com o seguinte enunciado “Você já pensou que está vivendo um acontecimento histórico, que somente estudávamos nos livros? Precisaremos encontrar novas formas de viver e por isso gostaríamos de saber como você está se sentindo durante este período”. A intenção era fazer com que as crianças compreendessem o quanto as vivências de cada sociedade produzem história e nos são ensinadas em diferentes tempos históricos, além de proporcionar que registrassem sobre como estão se sentindo durante esse momento de isolamento ou distanciamento social.

Na sequência recortamos uma parte do que escreveu Fernando Tavares Sabino em 1981, no livro **O Encontro Marcado**:

“De tudo, ficaram três coisas: a certeza de que ele estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar.

Fazer da interrupção um caminho novo. Fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sono uma ponte, da procura um encontro”.

Não identificarmos o ano em que foi escrito o fragmento que utilizamos, para provocar a imaginação das crianças, pois a primeira pergunta da Ficha Didática era: “Você diria que este poema foi escrito durante a pandemia? Por que você acredita nisso?”. A maioria dos alunos acreditam que a escrita é atual, pois a fala, mesmo sendo escrita há 40 anos atrás, retrata bem o que estamos vivenciando. Sobre a frase ser atual ou não, o aluno A3 escreveu: “eu acho que durante a pandemia, pelas frases de que ele está sempre começando e a certeza de que seria interrompido”; o A7: “eu acho que esse poema foi escrito agora porque parece que esse poema é real pelo menos pra mim parece”; e o A13: “sim, porque o que ele escreveu é mais ou menos o que estamos passando”. Algumas crianças se posicionam de forma contrária como o A15, cujo escreveu que “Não, porque já tiveram outras épocas como esta de pandemia” e o A19, que disse: “não, esse poema foi escrito antes dessa epidemia porque teve outras epidemias além dessa”.

No contexto geral, verificamos que 52,63% dos alunos acharam que o texto dizia do momento atual e 47,37% (9 alunos) que o trecho de Sabino havia sido escrito em outro contexto. Esta percepção dos alunos, de forma bem subjetiva, é muito interessante pois demonstra a identificação entre o que o autor escreve e o que se vive neste momento. O fragmento é de um livro escrito na década de 1950, mas fizemos referência a edição de 1981, pois foi onde localizamos o texto. Sabemos que a década de 50 foi de efervescência cultural, econômica, política. Vivia-se o período da Guerra Fria, num mundo ainda sob influência dos resultados pós Segunda Guerra Mundial. Então o romance escrito não deixa de retratar uma época repleta de desafios a serem enfrentados. Não ao acaso que as crianças reconhecem muito do que está posto no texto de Sabino como algo que faz parte do presente. Já os 9 alunos que afirmam não ser uma obra atual, mostraram possuir conhecimentos sobre pandemias que ocorreram em outros tempos históricos.

As perguntas 2, 3 e 4 foram elaboradas para que as crianças contassem como estão vivendo este período de pandemia, quais pessoas têm encontrado e que lugares têm frequentado. Com relação à pergunta 2 “como você está vivendo este período de pandemia?”, dos 19 alunos que responderam a Ficha Didática somente um aluno (5,26%) está em isolamento total, um aluno (5,26%) não está em isolamento, enquanto os outros (89,48%) estão em isolamento parcial. O aluno que diz não estar em isolamento segue encontrando com as mesmas pessoas que encontrava antes da

pandemia, enquanto o que está em isolamento total somente tem se relacionado com a família com quem mora. A maioria dos alunos que responderam estar em isolamento parcial diz estar se encontrando com outros familiares.

Quando questionados sobre os ambientes da casa em que mais permanecem, 63,16% responderam “quarto” como um dos espaços em que mais ficam. Também quando questionados sobre a falta de um ambiente específico, alguns apontam a falta de pátio para brincar, enquanto outros apresentam o desejo de ter um quarto somente para si e um escritório ou espaço específico para estudar.

Em relação à pergunta número 5 “Como você está se sentindo durante o período de pandemia?”, dentre as alternativas: “Muito bem”, “Bem”, “Entediado”, “Ansioso”, “Muito mal”, “De outra forma”, 37% responderam que se sentem entediados, enquanto os outros apontaram mais de um resposta, dentre elas: “entediados e bem”, “entediados e ansiosos”. Somente 1 aluno (5,26%) diz sentir-se “muito mal” e 2 alunos (10,52%) “muito bem”. A questão pedia ainda que justificasse a forma pela qual estão se sentindo e obtivemos respostas como a dos alunos A8: “estou entediado porque estou longe dos amigos e familiares”, A11: “porque não pode brincar com amigos”, A12: “porque não tenho escola para ir e fico entediado de olhar vídeo e jogar”, A15: “porque eu estou entediada de tanto ficar em casa, queria poder sair. Estou ansiosa para poder logo sair de casa”.

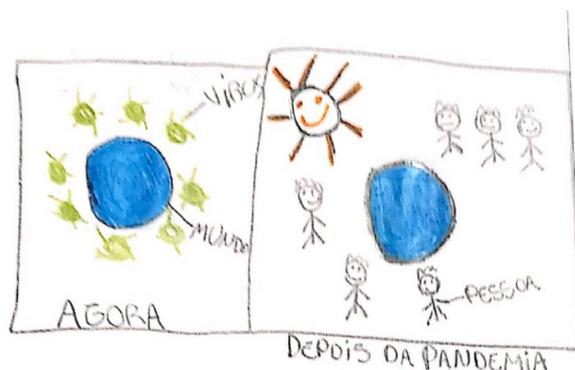
Ao perguntarmos às crianças dos lugares que mais sentem falta, dentre as opções “ir à escola”, “ir à igreja”, “ir a casa dos amigos”, “ir a restaurantes/lancherias”, “ir a clubes”, “lugares públicos” e “outros lugares/Quais?”, 89,48% disseram sentir falta de ir à escola, o que é um indício de que, esta, é um lugar para além daquele em que se aprendem conteúdos e se constroem conhecimentos, mas com certeza, é local de encontro com o outro, seja ele um colega ou professor. Também teve grande expressividade a falta que sentem de frequentar espaços públicos da cidade, tendo para este item 63,16 % das respostas dos alunos. Este é um número relevante para refletirmos o quão importante é a questão dos espaços públicos e o quanto são necessários à vida das pessoas, servindo de base para um próximo estudo sobre a arquitetura desses espaços.

Sobre os lugares pelos quais costumava andar antes da pandemia, a maioria das crianças faz referência a casa dos amigos, alguns a casa de familiares e outros a praças, parques e escola. Essas questões podem ser visualizadas em alguns desenhos das crianças. Solicitamos a elas que representassem algo que fizesse referência ao que o autor escreve:

Fazer da interrupção um caminho novo.

Fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada,
do sono uma ponte, da procura um encontro.

A intenção era que os alunos refletissem sobre o momento vivenciado e pudessem projetar o futuro. O aluno A2 mostra que compreende que a pandemia atinge o mundo, representando o vírus circundando o globo terrestre, mas projeta o futuro livre da doença e as pessoas interagindo umas com as outras.



Aluno A2 - Durante e Pós-Pandemia/ Studente A2 - Durante e dopo la pandemia

Enquanto isso, a aluna A10 extrapolou a temática da pandemia da COVID-19 ao fazer sua análise e registro, apontando a questão das queimadas e da depressão como elementos significativos e obstáculos a serem vencidos. Nesse sentido é possível inferir que esta aluna para além dos conteúdos trabalhados pela escola, acompanha as notícias sobre o que acontece no país e no mundo.



Aluna A10 - Vencemos o vírus/ Studente A10 - Abbiamo sconfitto il virus

Para além do que apresentamos até o momento, o que aparentemente mais tem afetado às crianças é a falta de convivência com os amigos e familiares, nos mostrando o quanto a relação com o outro é primordial no processo de fazer-se sujeito e cidadão no mundo. Isso é perceptível nos desenhos feitos pelos alunos A1 e A8 que fazem referência a falta que sentem de seus amigos e familiares. Enquanto A1 representa um encontro com um amigo, A8 desenha um ônibus que o levaria até a casa da avó e tia.



Aluno A1 - Encontro com amigos/ Studente A1 - Incontro con amici



Aluno A8- Viajando/ Studente A8- Viaggiare

Os alunos conseguem expressar para além do que foi intenção inicial do trabalho realizado, articulando conhecimentos já construídos, com suas vivências, extrapolando a questão sobre como se sentem ao enfrentar esse momento e o que esperam para o futuro, pós-isolamento ou distanciamento social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender como as crianças estão se sentindo e agindo durante a pandemia nos permite buscar formas para tentar contribuir com o enfrentamento do que se está vivendo durante o período de isolamento ou distanciamento social. É fundamental que entendamos a necessidade de sermos solidários e como escreve Harari (2020) tentarmos estabelecer uma cooperação global para que possamos vencer tanto o coronavírus

quanto qualquer outro patógeno que possa assolar a humanidade. Troca de conhecimentos científicos, de realidades vivenciados e dados da pandemia podem auxiliar no enfrentamento desta situação global.

Nós adultos podemos refletir sobre como nos reinventarmos e ajudar as crianças a enfrentar esse momento. Para conseguir lidar de forma mais positiva em relação à situação atual, o caminho é conhecimento e informação, união e confiança, estabelecendo vínculos enquanto humanidade e não incentivando a competição. Aprender a ser solidário pode nos ajudar a enfrentar possíveis pandemias no futuro. As crianças ao serem questionadas e provocadas a pensar sobre como estão se sentindo e do que sentem falta podem refletir sobre como se situam num lugar e no mundo, com o que se identificam e como podem auxiliar na configuração da sociedade que vive um momento delicado.

Com o estudo foi possível perceber que a maioria das crianças tem um vínculo com lugares nos quais os amigos e os familiares vivem, não há uma cultura instituída com relação a frequentar os espaços públicos da cidade e isso é visível quando um número pequeno de alunos fazem referência a eles em seus registros na Ficha Didática. Os próximos passos da pesquisa dizem respeito a reorganização da proposta para desenvolvimento em outras escolas a fim de buscar tanto novos elementos como confirmar o que este estudo aponta. Ao tentar compreender como as crianças se sentem podemos buscar formas para contribuir com os desafios que teremos que enfrentar no mundo pós-pandemia, tanto como profissionais da educação, como enquanto sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Castellar, S. M. V. Lugar de vivência: a cidade e a aprendizagem. In: Pereira, M. G. (2009). *La Espesura del Lugar: reflexiones sobre el espacio en el mundo educativo*. Santiago de Chile: Universidade Academia de Humanismo Cristiano.
- Cidade Educadora*. Disponível em: <<http://cidadeseducadoras.org.br>>. Acesso em: jun. 2020.
- Cohn, C. (2005). *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar Ed.
- Harari, Y. N. (2020). *Na batalha com o coronavírus, faltam líderes à humanidade*. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.
- Harvey, D. (2014). *Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*. São Paulo, Brasil: Martins Fontes.

- Hermann, N. (2002). *Hermenêutica e educação*. Rio de Janeiro, Brasil: DP & A.
- Müller, F.; Redin, M. M. (2007). Sobre as crianças, a infância e as práticas escolares. In: Redin, E.; Redin, M. M.; Müller, F. (Orgs.). (2007). *Infância: cidades e escolas amigas das crianças*. Porto Alegre, Brasil: Mediação.
- Nunes, B. F.; Müller, F. (2014). A criança como agente da cidade. *Revista Pátio*, Grupo A, a. XII, n. 40.
- Stein, E. (1996). *Aproximações sobre hermenêutica*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Tonucci, F. (2014). As crianças e a cidade. *Revista Pátio*, Grupo A, a. XII, n. 40.
- Tonucci, F. (2005). *Quando as crianças dizem: agora chega*. Porto Alegre, Brasil: Artmed.
- Toso, C. E. I. (2018). *Conhecer para pertencer: a relação criança, escola e cidade*. Tese (doutorado) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Campus Ijuí). Educação nas Ciências; Ijuí, Brasil.
- Wajskop, G. (2014). Uma cidade das crianças. *Revista Pátio*, Grupo A, a. XII, n. 40.

ⁱ Dados oficiais podem ser encontrados no site: <https://covid.saude.gov.br/>

ⁱⁱ Conforme o site do Governo do Estado, o “Rio Grande do Sul tem extensão territorial de 281.730,2 km², ocupando mais de 3% do território brasileiro, sendo o nono maior Estado brasileiro. Dividido em 497 municípios, tem 11,3 milhões de habitantes, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o que corresponde a 6% da população nacional. (...) A capital, Porto Alegre, é o município mais populoso com 1,4 milhão de pessoas”. <https://www.estado.rs.gov.br/geografia>